



Psicólogos podem contribuir para redução de custos

Saúde

Paula Torres de Carvalho

A intervenção dos psicólogos leva a uma diminuição das idas ao médico, bem como do consumo de medicamentos

A intervenção dos psicólogos pode contribuir de forma decisiva para a redução das despesas com a Saúde, diz um relatório que a Ordem dos Psicólogos Portugueses já enviou ao ministro Paulo Macedo.

Os dados referidos neste relatório indicam que a intervenção psicológica, particularmente “cognitiva-comportamental”, é uma forma de “reduzir os custos directos e indirectos com a saúde”. Essa redução observa-se de várias maneiras: através da diminuição do número de consultas, de dias de internamento e de idas à urgência, assim como do consumo de fármacos. Verifica-se, por outro lado, uma redução do absentismo por doença e um aumento de produtividade e, conseqüentemente um menor encargo do Estado com os benefícios fiscais para os doentes e outros benefícios associados a doença.

Não é apenas no campo da perturbação psicológica (ansiedade, perturbação mental) que a efectividade da intervenção psicológica é evidente, notam os autores do relatório, mas também a nível de um conjunto de patologias crónicas e de factores de risco, como a doença cardiovascular, o cancro ou a dor crónica.

A importância da intervenção psicológica tem em conta o contexto do



O ministro da Saúde, Paulo Macedo, recebeu estudo

aumento das perturbações mentais no Ocidente. Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), cerca de metade de todo o sofrimento associado a situações de saúde-doença deve-se a perturbação mental, sobretudo à depressão e à ansiedade.

Em 2008, dados da União Europeia (UE) referiam que quase 50 milhões de cidadãos (cerca de 11% da população europeia) tenham tido algum tipo de perturbação mental.

O *Estudo Epidemiológico Nacional de Morbilidade Psiquiátrica* realizado em 2010 aponta Portugal como o país da Europa com maior prevalência de doenças mentais na população. Conseqüentemente, de acordo com os dados do Eurobarómetro para 2010, a proporção dos portugueses inquiridos que dizem ter tomado antidepressivos nos últimos 12 meses foi mais elevada do que a média da UE.

Gastos com saúde

Números relativos a 2009 indicam que o consumo de ansiolíticos, hipnóticos, sedativos e antidepressivos registou um aumento de 25,3% face a 2004. Mas, além das perturbações psicológicas, regista-se também actualmente um “crescimento acentuado de patologias crónicas, associadas a um estilo de vida pouco saudável” e o crescimento dessas doenças reflecte-se igualmente nos gastos com a saúde.

Segundo a Associação Psicológica Canadiana, as patologias com maior peso na despesa dos serviços de saúde são a patologia cardiovascular e músculo-esquelética e para a minimização do seu impacto, a intervenção psicológica é reconhecida como essencial. Também em doentes oncológicos, a intervenção psicológica “permite reduzir a sintomatologia física e o número de deslocações ao médico”, refere o relatório entregue ao ministro da Saúde, que salienta que, no que respeita ao impacto na saúde em geral, “permite uma maior adesão à terapêutica, facilita a alteração de estilos de vida pouco saudáveis” e ainda “facilita a prevenção de recaídas”, entre outras mudanças.

“Infelizmente, as políticas de saúde têm ignorado” estes dados, lamentam os autores do relatório, manifestando a disponibilidade da Ordem dos Psicólogos para “colaborar com o Ministério da Saúde para encontrar as melhores formas de desenvolver soluções que permitam pôr em prática a intervenção psicológica alargada, com benefícios claros para os utilizadores”.